

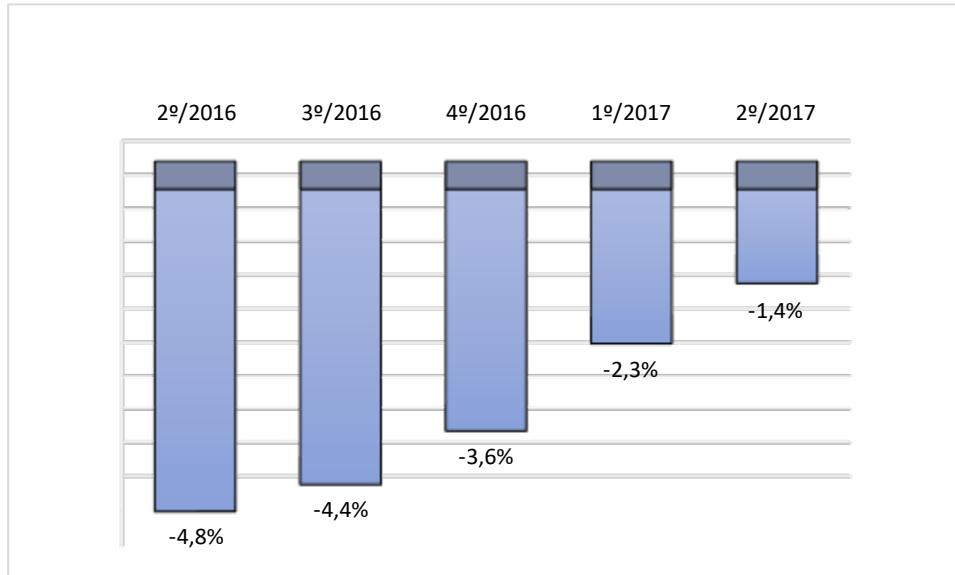
DIEESE – Subseção APCEF/SP

Informe semanal – nº 132 – 25 de agosto de 2017.

Queda menos acentuada do Produto Interno Bruto

A variação acumulada do Produto Interno Bruto (PIB) dos quatro trimestres encerrados no de abril/maio/junho de 2017 foi negativa em 1,4%. O Resultado é ruim, mas não tão ruim quanto o de trimestres anteriores (Gráfico 1). Sob a ótica da oferta, a variação positiva de 0,2% no segundo trimestre deste ano ajudou e foi possível graças ao setor de serviços, que cresceu 0,6%, compensando o resultado nulo da agropecuária (0%) e a nova e não surpreendente queda da indústria (-0,5%).

Gráfico 1 – Variação do produto interno bruto – acumulada a cada quatro trimestres



Fonte: IBGE

Elaboração: DIEESE Subseção APCEF São Paulo

Consumo das famílias se eleva, cai o de governo e o investimento

Sob a ótica de demanda no PIB, o consumo das famílias, no segundo trimestre de 2017 ante o primeiro, cresceu 1,4%. O IBGE atribui a variação positiva à queda da inflação e à redução das taxas de juros. O consumo de governo variou negativamente, menos 0,9%, e a formação bruta de capital (investimento) também, menos 0,7%. Somados quatro trimestres, a variação segue negativa. Investimento em baixa representa menor produção, consequentemente menor oferta de produtos e de empregos, e traduz descrença em relação ao crescimento, não obstante certo noticiário sob encomenda recheado de otimismo.

Tabela 1 – PIB (Consumo) 2º trimestre de 2017

Grupo de consumo	trimestre em relação ao anterior	acumulada em quatro trimestres
Consumo das famílias	1,4%	-1,9%
Consumo da administração pública	-0,9%	-1,2%
Formação Bruta de Capital Fixo	-0,7%	-6,1%
Exportação de bens e serviços	0,5%	-0,7%
Importação de bens e serviços	-3,5%	-0,7%

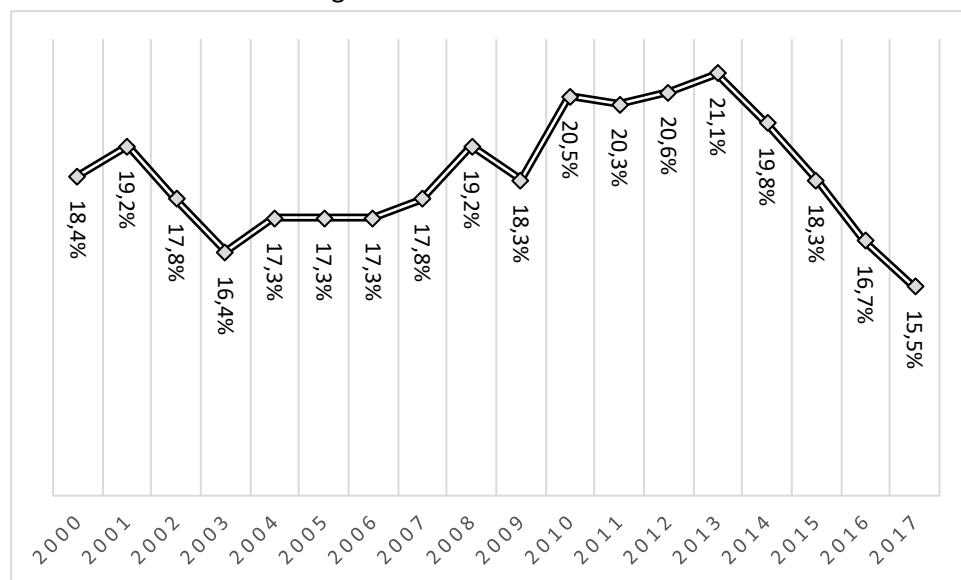
Fonte: IBGE

Elaboração: DIEESE Subseção APCEF São Paulo

Investimento cai desde 2014

Considerados valores acumulados em quatro trimestres até o segundo trimestre em cada ano indicado (Gráfico 2), o total da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) em relação ao Produto Interno Bruto – a conta de investimentos – registrou tendência crescente de 2003 a 2013, elevando-se de 16,4% a 21,1%, quase cinco pontos porcentuais. De 2014 até agora, o que foi conquistado naquele período se perdeu. A propagada recuperação de confiança do investidor, que viria assim que o governo Dilma caísse, ficou nos editoriais, artigos e entrevistas dos defensores da queda.

Gráfico 2 – Formação Bruta de Capital Fixo em relação ao PIB – acumulado no período de quatro trimestres encerrado no segundo trimestre do ano indicado.



Fonte: IBGE

Elaboração: DIEESE Subseção APCEF São Paulo